

Andrea Gareffi

Toast para Erri De Luca

A narrativa de Erri De Luca, um dos mais importantes escritores italianos da atualidade, revela-se como contraposição ao mundo real e abre para a escrita um outro mundo, meio mágico, meio fantasmático, onde a realidade possa ser simulada pelo avesso da linguagem e seu silêncio.

Montedidio é um bairro de Nápoles, onde acontecem coisas estranhas, bem estranhas. Mas ao mesmo tempo tão boas e tão más que parecem de verdade. Quem as conta é um menino que as viu com o olho esquerdo, o "que serve para a rua, para olhar na cara", e que as cinge com o olho direito, um olho cego, "mas que vê o céu melhor do que o bom". O menino ceguinho conta essas histórias em napolitano e as escreve em italiano: "escrevo em italiano porque é silencioso e posso introduzir nele os fatos do dia, refeitos do barulho do napolitano". Menino estranho, que governa dois reinos: mitológico adivinhador.

Quando uma história cumpre sua tarefa e se acrescenta à realidade do mundo, essa história nos faz pensar. Está acontecendo alguma coisa. Quando uma história se torna uma variável nova, é como se fisesse uma reação em cadeia que influencia as variantes velhas, que já tinham se ajustado entre si. Quando um novo astro começa a redemoinhar no apinhado planetário, o bilhar sideral não é mais o mesmo. Planetas e satélites despertam de sua milenar sonolência e se põem em alvoroço. Cansados de girar no vazio, talvez temerosos de terminar num buraco, geralmente voltam à chatice.

O majestoso Goethe errou uma vez ao escrever que as estrelas percorrem suas rotas com um movimento sempre igual, sem calma e sem aceleração. O tráfego do céu segue em rajadas, com conseqüências para os horóscopos. As tramas celestes despejam desde sempre seus influxos sobre os terrícolas.

Uma das histórias, que é a história de um bumerangue, sobe para o alto dos céus, faz um pouco de bagunça, mas depois acaba na Terra. Uma história tem sempre um arremate, principalmente se na noite de Ano Novo quem voa pelos céus é um homem corcunda. Uma história assim não passa sem meter seu rabo na profundidade das vísceras escuras, especialmente se acaba no mais alto terraço de Nápoles. Uma história que reflete as deformidades e as faz refletir sobre os destinos, que faz o papel da escada de Jacó, termina por não terminar com a última página, porque entra no mundo e se torna verdadeira. Derrama estrondos, ma também dá sementes. Verdadeira a seu modo, não ao nosso.

Quem abre *Montedidio* sente logo que Montedidio não é tão longe: talvez já estejamos lá dentro sem saber. Quem o lê, entende. No livro de De Luca (Milano, Feltrinelli, 2001) as coisas normais encontram significado nas coisas que não são normais. E as coisas que não são normais vencem a partida, aí de quem pensar em normalizá-las.

Montedidio é a história de um menino que não tem nome (talvez para que o seu nome possa ser o nosso, ou talvez porque esse menino se assemelha a um Deus); um menino de treze anos que em pouco tempo fica grande: começa a trabalhar, se apaixona, perde a mãe, adota seu pai, empurra para o vazio uma pessoa que já estava lá. E reconhece os fantasmas. Eis aí as coisas verdadeiras e inevitáveis, mas jamais nos devemos resignar e pensar que são normais.

O menino tem só treze anos; não é bom que deixe tão cedo a escola, trabalhe e ainda por cima esteja contente com isso. Nem é razoável que se apaixone tão cedo. E depois é uma coisa ruim que sua mãe também morra muito cedo. Os pais enviuvados, enfim, não é justo que se aninhem sob a proteção afetuosa de um filho muito jovem. Nada aqui segue as regras das expectativas e das exigências de um mundo que se queira normal. E se a realidade não é nunca normal, somente as fábulas podem entendê-la.

Há ainda uma menina que não quereríamos como nossa filha; os pais a ofereceram ao dono da casa porque não tinham dinheiro para o aluguel. Ora, essa menina, que se chama Maria, que tem também treze anos e está se tornando mulher muito cedo, apaixonou-se pelo menino que está virando homem, e lhe dá o último empurrão.

Mas por sorte nem tudo é tão difícil, por sorte há também alguma coisa mais fácil, fácil porque não esperada, porque chega escondida, porque não se sabia mais que existia: as vinganças da fábula, as exigências do espírito.

Há também um judeu com uma grande corcunda e com os cabelos vermelhos como um rabanete. Em Nápoles, rabanete (“ravello”) se chama “rafaniello” e em Montedidio o judeu, que no seu país se chamava Rav Daniel, agora se chama don Rafaniello. Ele sente dentro da corcunda o barulho das asas que estão crescendo, assim como o menino sem nome, que tem também sua deformidade: o olho desfocado. É ceguinho, em suma.

Os nomes não vêm ao caso, pelo menos como não vem ao caso não ter um. Mas, pensando bem, o menino tem um nome seu: o ceguinho (“cecatiello”). Isso tem lá sua importância: rima com Rafaniello, o que quer dizer que os dois são feitos para se entenderem. E além disso, Rafaniello não é também ele um nome comum escrito com maiúscula? Esses nomes são apelidos afetivos, mesmo se designam uma particularidade nem sempre afetiva, mas que marca uma individualidade, uma identidade. O indivíduo está onde o destino toma corpo e onde nasce a poesia. Por outro lado, o título da narrativa é de um bairro de Nápoles e de um monte de Jerusalém.

É justamente a Jerusalém que don Rafaniello queria ir, e acaba em Nápoles, onde é sapateiro dos pobres. É por isso que lhe crescerão asas e poderá voar de um Montedidio a outro. Don Rafaniello está no caminho certo, e compreende isso. O ceguinho também compreende. Compreender, em Montedidio, é fácil.

E resulta fácil ser compreendido, compreendido dentro das histórias, porque correm histórias em Montedidio que logo atraem alguém para si. E o lugar causa tudo, até porque as almas dos mortos não estão longe dali, esvoaçam em qualquer lugar. A vida difícil faz com que os vivos estejam um pouco mortos: condição necessária para deixar partir as histórias, fazer com que as almas permaneçam um pouco vivas. Está-se na metade: essa é a parte fácil, fácil de esquecer, mas também de tropeçar. Então as histórias. Vôos de fantasmas: de homens bons que voam alto, de homens maus que voam baixo. E vôos de coisas.

De coisas: o bumerangue. Esse bumerangue foi trazido da Austrália por um marinheiro para o pai do ceguinho, que o deu a seu filho. Este o tem em grande conta, é a única coisa que possui: está sempre com ele sob a camisa. Toda noite sobe para os tanques no terraço mais alto de Montedidio, treina arremesso, experimenta os lances. Crescem-lhe músculos e pensamentos. E cresce seu destino, ali nos tanques; porque é ali que encontra Maria, ali don Rafaniello abrirá as asas para seu vôo, ali o dono da casa fará também seu vôo, tudo diferente, e dali ele lançará seu bumerangue. Vôos de fantasmas, de Rafaniellos e bumerangues.

Em Montedidio há Nápoles, rainha dos pobres coitados, última estação para a Terra Santa e o inferno; e há a vida dura que revela a infâmia e a vida dura que revela a santidade, meninos que crescem, homens que morrem, a morte e o “ammor” (a morte com um *m* só, o “ammor” com dois).

O tormento sempre num abrir e fechar de olhos e a fábula que se ocupa dele; os fantasmas dos mortos que acariciam os vivos, os vivos também um pouco mortos: também eles um pouco fantasmas que habitam as salas dessa história, fantasmas que não vão embora com boa vontade.

O todo no pouco; o bumerangue parecia um brinquedo e era uma arma, uma arma da mesma madeira da Arca. Madeira que pode subir até Deus e despencar sobre a Terra, que carrega a morte e dá o choque da vida. Que ensina ao ceguinho a vida e a morte, que abre para don Rafaniello, o sapateiro bom, a vida dos céus e ao mau dono da casa a do inferno. Madeira pobre, que dá frutos ricos. Que vem de longe e leva para longe.

Poema em prosa, *Montedidio*, parábola da força que está dentro da vida, mesmo quando a vida se torna rarefeita, se faz muito pequena, e se prolonga na morte. Enquanto a morte já está aqui na vida. O risco era o patético, mas não há patético se não há perda de destino. E o verdadeiro dono de *Montedidio* é o destino.

O patético explode quando alguém acredita ser ele o dono, e diz, descontente com o que tem: não parece também para vocês uma injustiça que eu não tenha mais? O destino é completamente uma outra coisa: perda e não ganho. Para o destino a gente se inclina, a gente está com o corpo e o coração.

Até em *Montedidio* a gente está com o corpo e o coração, com uma estranha coragem, mesmo sob a dor. E se a vida consome o corpo e o coração, no fundo é a sua tarefa; quem a deixa agir vê crescer a coragem.

Assim, em *Montedidio* tudo pode acontecer; assim, o nojo de Maria se transforma em “ammor” pelo ceguinho e ele, com o olho enevoado vê longe, vê as coisas que os outros não vêem, vê crescer a coragem e o amor de Maria. Don Rafaniello, no entanto, vê sair duas asas da sua corcunda, e o ceguinho o vê voar para Jerusalém.

Em torno do ceguinho e de Rafaniello há também outros fantasmas: Mast’Errico, o lenhador que faz bem seu trabalho e o de pescador, que dispensa sabedoria e proteção a seu trabalhador ceguinho; don Ciccio, o porteiro, que se apercebe e se mete na vida dos outros. Com o ano que morre, a mãe do cego transforma-se em fantasma; o pai está um pouco morto junto com ela, mas também um pouco vivo com seu ceguinho e com Maria, que lhe trazem a melhor pizza de Nápoles e talvez do mundo. Uma pizza que não tem preço. E sabe disso o pizzaiolo, don Gigi o fedorento, que não quer dinheiro, e coloca na pizza margherita um tempero que não se pode comprar.

E há o dono da casa, uma sombra que a história com pudor apenas conta. Quando ele não pode ter mais Maria e a perde, perde também os sentimentos. Como não servem mais os bolinhos com os quais gostaria de comprá-la, tenta tomá-la à força, justo lá nos tanques, no terraço mais alto de *Montedidio* na noite de Ano Novo. Mas nessa noite, Rafaniello e o ceguinho estão também nos tanques. O ceguinho, que virou homem, se lança sobre o dono da casa, jogando-o fora, como uma lembrança má. Nessa noite, o ceguinho joga do terraço o dono da casa, e lança o bumerangue no céu para abrir caminho para don Rafaniello. Que vai embora voando, como um belo sonho quando dele se acorda homem.

Amor e morte, miséria e fábulas, o que junta tudo isso? A santidade da história, o mistério ímpar, a revelação implícita. A gramática nebulosa e a escrita de madeira e pedra: escrita silenciosa na “língua tranqüila que se porta bem nos livros”.

Como o ceguinho, De Luca dissolve o tumulto da vida escrevendo-a. Como don Ciccio, ele também se apercebe, e sua história é a poesia do escuro enquanto dá forma à vida. Ele também se mete na vida dos outros, negocia com os detalhes e os faz encontrar com seu destino escondido atrás da cortina da morte. História que pesca naquelas águas turvas, poesia da morte que penetra na vida e a preenche. Irremediável poesia, necessária e assinalada. No final, a história resta com a impressão fundamental que poderia ser a do botão que se abre, mas parece mais de madeira ferida, de pedra macia desbastada.

História desbastada com cuidado por De Luca, que com seus dedos de madeira toca os nós e com suas unhas a grava no tufô. O verdadeiro da história incide no perfil ofuscado: como no grafito da caverna, onde o claro resulta da graça do desenho e o escuro, a sombra, do talhe. Frágil e áspera escrita de madeira e pedra, como é a palavra dos mitos. Velada e intensa, plena de significados diversos, inderrogável amuleto.

Fábula um pouco cruel, como é comum nas fábulas. Mas a crueldade não é obra de Erri, ele a deixa onde ela está. Eis porque não é errado dizer que suas histórias se escrevem por si mesmas. Histórias de fantasmas que viajam secretamente, fantasmas corcundas e de asas, que chegam empoeirados e vão embora à meia-noite. Histórias maiores do que nós, histórias a se contarem elas próprias, nas quais se desaparece na primeira curva. Histórias que nos contam. As fábulas antigas não estão pois extintas.

Escritor realista, perigoso e misericordioso escritor da realidade perigosa e misericordiosa dos mitos. Reconhecível em três linhas, como poucos marcado a fogo, sempre o mesmo de livro a livro; fiel a suas histórias, a seus cortes.

Histórias importantes são as que surpreendem também quem as escreve, por isso as histórias de De Luca não são suas, mas é ele propriedade delas. É por isso que De Luca não gosta que o chamem de escritor: “escritor é título de pedestal, no meu caso desconstruo com prazer a fórmula em: alguém que escreve alguma história. Escritor me soa peremptório aos ouvidos, onipotente como quem pode escrever todas as histórias e não, ao contrário, apenas as que são extraídas do próprio jazigo” (“Tre fuochi”, em: *Micromega*, 4, 2000). Suas histórias são histórias desse mundo, mas com os pés plantados muito mais para cima, noutro mundo. De Luca carvoeiro, escritor de histórias enegrecidas, raspa no seu jazigo e extrai dele sempre uma gema.

Montedidio é uma história de amor: a história de Maria e do ceguinho, por certo; mas também a história de De Luca e sua história. Aqui também nós vemos alguma coisa: que Erri a corteja, que quer entrar nela, que gostaria de morrer nela. E quer fazê-la feliz, acompanhá-la à casa, para ouvi-la a noite inteira.

Assim é que De Luca, para repeti-la ao mundo, aprendeu, ele também muito cedo, a estar de castigo fora do mundo. Sua casa poderia ser o cárcere ou o convento; em vez disso é a das histórias. Se há uma salvação, trazem-na deformidade e vida dura. Os violados pelos deuses e pelos homens, os meninos mitológicos e o escritor mitológico, prisioneiros das histórias.

Virada a última página, a história de Montedidio acaba, acabados os vãos dos anjos corcundas, dos pesadelos demoníacos e do mágico bumerangue. Mas, por atrás, alguma coisa continua e cresce: a percepção dos fantasmas, a vontade de se meter na vida dos outros. E a lenda de De Luca, “alguém que escreve alguma história” numa escrita silenciosa.

